

China se posiciona pelo fim do conflito

GUERRA NA EUROPA

CHINA INDICA MUDANÇA E FALA EM MEDIAÇÃO
NOVA RODADA NEGOCIADORA ESTÁ PREVISTA PARA HOJE

Em conversa com seu colega ucraniano, o ministro das Relações Exteriores da China, Wang Yi, disse ontem que Pequim está disposta a apoiar "todos os esforços" para ajudar a acabar com a guerra entre a Rússia e a Ucrânia por meio da diplomacia.

Numa sinalização de mudança na posição da China — que até agora vinha culpando a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) pelo confronto e evitando criticar a Rússia — Wang pela primeira vez chamou a invasão russa de "guerra", e disse estar "extremamente preocupado" com os danos civis.

A conversa ocorreu na véspera de uma nova rodada de negociações, prevista para hoje, entre emissários russos e ucranianos na Bielorrússia. O primeiro encontro aconteceu ontem em Genebra, com resultados concretos — a Ucrânia esperava um cessar-fogo, mas a ofensiva de Moscou se intensificou.

Ontem foi a primeira vez em que o chinês Wang e o ministro das Relações Exteriores da Ucrânia, Dmytro Kuleba, se falaram desde a invasão russa, em 24 de fevereiro. Kuleba pediu ao colega chinês que use os laços de Pequim com Moscou para parar a invasão russa, disse a Chancelaria ucraniana em comunicado.

'PAPEL EM CESSAR-FOGO'
Em vista da crise atual, a China pede à Ucrânia e à Rússia que encontrem uma solução para a questão por meio de negociações, disse por sua vez a Chancelaria chinesa também em comunicado, acrescentando que o país apoia todo esforço internacional construtivo que conduza a um "acordo político". Segundo a nota chinesa, "a Ucrânia está disposta a reforçar a comunicação com a China e espera que a China tenha um papel na obtenção de um cessar-fogo".

A China é a maior parceira comercial da Ucrânia, que faz parte da Iniciativa Cinturão e Rota, o grande projeto global chinês de infraestrutura e comércio. Ao mesmo tempo, os presidentes Xi Jinping e Vladimir Putin firmaram no início de fevereiro, numa cúpula em Pequim, um acordo que classificaram como de "parceria ilimitada".

"À medida que a guerra continua a se expandir, a principal prioridade é aliviar a situação para evitar que o conflito aumente ou mesmo saia do controle, especialmente para evitar danos a civis e garantir o

acesso seguro e oportuno à ajuda humanitária", disse Wang a Kuleba, ainda de acordo com o comunicado chinês. A China começou ontem a retirar seu cerca de 6 mil cidadãos que estavam na Ucrânia,

depois que um chinês foi baleado enquanto viajava do Leste da Ucrânia para a fronteira com a Polônia. A vítima está hospitalizada. Apesar da previsão de uma nova rodada de negociações

entre russos e ucranianos, as perspectivas não são animadoras, e os dois lados continuaram trocando acusações. O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, disse ontem que a Rússia deve parar de

bombardear cidades do seu país antes de qualquer acordo. Em uma entrevista à agência Reuters em um complexo do governo fortemente vigiado em Kiev, Zelensky pediu aos membros da Otan que imponham uma zona de exclusão aérea para deter os bombardeios russos, dizendo que era uma medida preventiva e que não pretendia arrastar a aliança para uma guerra com a Rússia.

O anúncio da segunda reunião negociadora aconteceu horas após o ministro da Defesa russo, Sergei Shoigu, declarar que seu país continuará a sua ofensiva na Ucrânia até alcançar os seus objetivos. O ministro também disse que a Rússia busca a "desmilitarização" e a "desnazificação" da Ucrânia, assim como proteger a Rússia da "ameaça militar criada pelos países ocidentais".

Por desnazificação, é incerto ao que o ministro se refere. Embora haja grupos paramilitares de extrema direita atuando na Ucrânia, o governo russo, desde o começo da ofensiva, tem falsamente acusado a liderança ucraniana de ser comandada por neonazistas.

'AMEAÇA NUCLEAR'
Além de Shoigu, o chanceler russo, Sergei Lavrov, fez um discurso ontem acusando Kiev de tentar reconstruir seu arsenal de armas nucleares, classificando isso como um perigo real que precisa ser evitado.

—A Ucrânia ainda tem tecnologia soviéticas e os meios de criar tais armas — disse Lavrov na Conferência sobre Desarmamento, com sede em Genebra, em um discurso pré-gravado. — Não podemos deixar de responder a este perigo real.

Até 1991, a Ucrânia integrava a União Soviética e abrigava armas nucleares. Em 1994, o novo país independente concordou em transferir seu arsenal atômico à Rússia, e se juntou ao Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares. O tema de um suposto risco nuclear ucraniano já havia sido mencionado pelo presidente Vladimir Putin, que ontem anunciou a ordem de pôr as armas de dissuasão nuclear da Rússia em estado de "alerta máximo". Fontes da Inteligência americana, no entanto, disseram que não detectaram mudanças práticas no posicionamento dessas armas russas.



Isolamento. Diplomatas deixam a sala do Conselho de Direitos Humanos da ONU, em Genebra, no momento em que foi exibida a intervenção em vídeo de Lavrov

Lavrov é boicotado na ONU
O chanceler russo, Sergei Lavrov, sofreu boicotes diplomáticos ontem ao discursar por vídeo em sessões da Conferência de Desarmamento e do Conselho de Direitos Humanos, ambos organismos da ONU sediados em Genebra. Ele pretendia comparecer pessoalmente aos eventos, mas cancelou na última hora a viagem, invocando as "sanções

antirussas" que impedem de sobrevoar o território da União Europeia. A Suíça também fechou o seu espaço aéreo para aeronaves russas, mas permitiu voos de missões diplomáticas.
> Quando sua mensagem gravada foi transmitida na Conferência de Desarmamento — criada em 1979 para conter a corrida armamentista —

várias delegações, incluindo as da Ucrânia e de países ocidentais, deixaram a sala. Do lado de fora, diplomatas se reuniram em frente a uma bandeira ucraniana e aplaudiram ruidosamente. Na sala onde o discurso de Lavrov era transmitido, continuaram apenas alguns dos embaixadores presentes, incluindo os de Venezuela, Síria, Iêmen e Turquia.

> Menos de uma hora depois, uma nova debandada ocorreu no Conselho de Direitos Humanos. Apesar do isolamento imposto pelo Ocidente, o governo russo disse que não mudará de posição. — Eles estão contando com nos forçar a mudar nossa posição. Isso está fora de questão — disse o porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov.

ANÁLISE
Moscou teria deixado Pequim no escuro sobre dimensão da invasão

MARCELO NINHO NETO

O que a China sabia sobre os planos de guerra de Putin? A questão continua a dividir opiniões no debate sobre a reação da China ao ataque ordenado pelo presidente russo à Ucrânia. E possível que a verdade só apareça daqui a muitos anos, quando algum arquivo secreto for aberto. Mas, pelo comportamento do governo chinês antes da invasão e em seus primeiros dias, a tendência é entre especialistas é acreditar que Moscou deixou Pequim no escuro, apesar da declaração de "ambição sem limites" que elevou o patamar da parceria entre os dois países.

Vladimir Putin foi muito mais longe do que esperava o presidente chinês, Xi Jinping, acredita o diplomata e acadêmico Kanehara Nobukatsu, que até 2019 era um dos principais assessores de segurança nacional do governo japonês. Para ele, é natural supor que Putin tenha omitido seus planos da China, pois não há muita confiança entre os dois países. Apesar das atuais declarações de amizade infinita, há um passado de hostilidade, incluindo uma guerra em 1969, lembra Kanehara.

ERRO DE LEITURA
A discussão sobre o que Putin disse a Xi não é simples intriga de bastidores. Saber a que ponto as autoridades chinesas estavam por dentro dos planos de Moscou é importante para definir "a natureza e a

profundidade" das relações bilaterais e também o que se pode esperar nos próximos dias, como escreveu Yun Sun, diretora do programa de China do centro de estudos Stimson, em Washington. É uma sinuca de bico: se Pequim sabia, pode ser acusado de cumplice; se não tinha conhecimento, será visto como uma peça no jogo de Putin. Para Yun, uma análise cuidadosa dos acontecimentos leva a uma conclusão inequívoca: a China foi pega de surpresa pela invasão.

Nas semanas que antecederam o ataque, que aconteceu entre os principais analistas chineses de que não haveria guerra. Após a invasão, um dos mais conhecidos especialistas em relações internacionais do país, Jin Canrong, da Universidade Renmin, em Pequim, publicou um pedido de desculpas por "mais um erro" em suas previsões. Na mesma sintonia, o governo também passou as semanas anteriores à ação russa minimizando a possibilidade

de uma invasão. Mas o sinal mais claro de que Pequim foi pego de calças curtas é que não havia planos de retirada dos chineses que estavam na Ucrânia — o que não teria ocorrido se houvesse conhecimento da invasão, dada a importância que o governo chinês dá à proteção de seus cidadãos em áreas de conflito.

Erro na leitura da situação ocorreu porque a China analisou o cenário usando "suas próprias lentes", aposta Yun Sun. Para Washington, a concentração de tropas russas nas fronteiras era um sinal de guerra iminente. Já na visão de Pequim, as tropas seriam um ato de intimidação, uma tática alinhada à filosofia militar chinesa de "vencer sem lutar", conforme os ensinamentos do estrategista Sun Tzu, famoso mundialmente pelo best-seller "A arte da guerra". Mas, além de falhar por manter-se prisioneira de seu próprio conceito estratégico, a China também caiu numa armadilha preparada por Putin, acha Yun.

No comunicado do dia 4, Pequim se uniu pela primeira vez ao repúdio da Rússia à expansão da Otan, um dos principais argumentos de Moscou no conflito na Ucrânia. Pareceu um bom negócio para a China, que em troca recebeu o apoio da Rússia contra a aliança militar dos EUA com Reino Unido e Austrália. Mas, enquanto os chineses expressavam apoio limitado às "preocupações de segurança" da Rússia, Putin projetava a imagem de parceria "sem limites" que deu o tom do documento.

RISCOS DA PARCERIA
Foi um golpe de mestre do presidente russo, avalia Yun: se a China admitir que não sabia, estará dizendo ao mundo que foi manipulada. Depois disso, fica difícil para o governo recuar sem comprometer sua reputação, um dos piores infortúnios que se pode sofrer na cultura chinesa. Ao mesmo tempo, ao se abster no Conselho de Segurança da ONU na votação da

resolução contra a ação militar russa, a China tentou manter uma distância prudente do conflito, para não cair abraçado com um "parceiro estratégico" que viola uma das normas básicas da Carta da ONU ao invadir outro país. Na ansia de se unir à Rússia para enfrentar os EUA na competição estratégica, Pequim tomou uma decisão repleta de riscos, argumenta Yun.

Apesar do desconforto, o interesse da China é que Putin saia vencedor, acredita Artyom Lukin, professor de relações internacionais da Universidade Federal do Extremo Leste, na cidade russa de Vladivostok. Para ele, mesmo que não tenha compartilhado com exatidão seus planos com Xi, é provável que Putin tenha apontado a direção que iria seguir, e o presidente chinês não se opôs.

—Se Putin perder, é o fim da Rússia como grande potência. Sem seu único grande aliado, a China terá que encerrar os EUA sozinha.



Em fuga. Família ucraniana que foge da invasão russa chega à estação de trem de Lviv, cidade próxima à fronteira com a Polónia; além dos refugiados, ONU fala em 160 mil deslocados internos no país

BRUNO LAUR, ESTRE MURROLO/KEY

O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, gravou uma mensagem em tom dramático direcionada à União Europeia (UE) nesta terça-feira, um dia após requerer oficialmente a adesão de seu país ao bloco por meio de um mecanismo expedito de ingresso. Zelensky pediu à UE que prove que está do lado da Ucrânia em sua guerra de defesa contra a Rússia permitindo sua integração ao bloco:

— A União Europeia será muito mais forte conosco, com certeza. Sem vocês, a Ucrânia ficará solitária — disse Zelensky ao Parlamento Europeu por videoconferência. — Provem que vocês estão do nosso lado. Provem que vocês não vão nos deixar ir embora. Provem que vocês são realmente europeus, e então a vida vencerá a morte e a luz vencerá as trevas.

Zelensky, que antes de ser presidente tornou-se conhecido como ator cômico, ganhou

forte popularidade no Ocidente por sua liderança marcada por mensagens de unidade e encorajamento enquanto seu país está sob ataque da Rússia. Na sessão no Parlamento Europeu, a grande maioria dos deputados tinha placas nas quais se lia "Nós estamos com a Ucrânia".

EUROPA ENTRA COM TUDO

O líder ucraniano tem obtido forte apoio das potências europeias, que se mostram dispostas a empreender esforços severos e árduos com pesados custos para apoiá-lo. Isso inclui o envio de armas e dinheiro e sanções contra a Rússia até agora sóvistas contra o Irã, e a Coreia do Norte. O apoio a seu país também significou, por exemplo, uma mudança radical de política na Alemanha, que pela primeira vez desde a Segunda Guerra Mundial enviou armamentos diretamente para um país em guerra.

Na sessão, o presidente do Conselho Europeu, Charles Michel, acusou a Rússia de "terrorismo geopolítico" pela

A OFENSIVA DE ZELENSKY PARA ENTRAR NA UE 'PROVEM QUE ESTÃO DO NOSSO LADO'

invasão da Ucrânia, e destacou a unidade da UE na condenação dessa ofensiva militar. — Não é apenas a Ucrânia que está sob ataque. O direito internacional, a ordem internacional baseada em regras, a democracia, a dignidade humana também estão sob ataque. Isso é terrorismo geopolítico, puro e simples — disse Michel em seu discurso.

Por seu lado, a chefe da Comissão Europeia, Ursula von

der Leyen, assegurou que não é apenas o destino da Ucrânia que está em jogo.

— O destino da Ucrânia está em jogo, mas nosso próprio destino também. Devemos mostrar o poder que está em nossas democracias — disse ela, acrescentando que "a forma como respondermos ao que a Rússia está fazendo determinará o futuro do sistema internacional".

A União Europeia está sob

forte pressão para abrir as portas à Ucrânia, mas o processo de adesão ao bloco tradicionalmente leva vários anos, em alguns casos quase uma década, de negociações e reformas internas. Michel admitiu que a adesão imediata da Ucrânia gerou "opiniões diferentes". É necessário apoio unânime dos 27 países-membros do bloco para a adesão.

Na segunda-feira, os líderes de oito países — Bulgária, Es-

lováquia, Eslovênia, Estônia, Letônia, Lituânia, Polónia e República Tcheca — assinaram uma carta na qual afirmam que "a Ucrânia merece receber uma perspectiva imediata de adesão à UE".

FILA DE ESPERA

Após a plenária excepcional desta terça-feira, o Parlamento Europeu aprovou uma resolução não vinculante que defende o estatuto da Ucrânia como país candidato à adesão à União Europeia. No documento, os legisladores pedem "a instituição da UE que conceda à Ucrânia o status de candidato", de acordo com os tratados fundadores da União Europeia "e com base no mérito".

O último país a aderir à UE foi a Croácia, em 2013, embora as negociações tenham começado oito anos antes, em 2005, e os últimos capítulos tenham sido fechados em 2011. Atualmente, Macedônia do Norte, Sérvia, Montenegro e Albânia aguardam pacientemente na fila para serem aceitos. A Turquia é candidata desde o final da década de 1980, mas essas negociações estão congeladas desde 2016.

MAIS BANCOS SANCIONADOS

Ontem, a UE aprovou a exclusão de mais sete bancos russos do sistema de pagamentos internacional Swift, mas poupou o maior banco do país, o Sberbank, e um banco de propriedade parcial da Gazprom, empresa estatal de energia russa. O bloco também decidiu proibir a transmissão dos veículos de comunicação estatais russos RT e Sputnik.

O banco estatal VTB Bank e o Bank Rossiya estão entre os excluídos do sistema de mensagens que permite transações entre bancos de todo o mundo. As outras instituições são Bank Otkritie, Novikombank, Promsvyazbank PJSC, Sovcombank PJSC e VEB.RF.

Em relação ao Sberbank, poupado da exclusão, o Banco Central Europeu havia alertado que as filiais europeias dele estão em estado de falência interna. Michel admitiu que a deterioração da liquidez. Vários países, incluindo a Alemanha, argumentaram que é importante garantir que alguns bancos permaneçam no Swift para ajudar a Europa a pagar as importações de energia da Rússia.

Em apenas um dia, 150 mil fugiram da Ucrânia, diz ONU

Total de refugiados se aproxima de 680 mil; africanos e outros estrangeiros relatam discriminação na passagem de fronteiras

GENEVA/EUA/AP

Cerca de 680 mil pessoas, a maioria mulheres e crianças, fugiram da Ucrânia desde o início da invasão russa, de acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur). Além dos refugiados, há estimadas 160 mil pessoas deslocadas internamente no país. A agência da ONU projeta que o número de pessoas carentes de algum tipo de assistência atravessando para os países vizinhos possa chegar a 4 milhões.

— Estamos observando o que pode se tornar a maior crise de refugiados da Europa neste século — disse o diretor do Acnur, Filippo Grandi.

Segundo ele, nas 24 horas anteriores, mais de 150 mil pessoas fugiram da Ucrânia, o que fez o total até agora superar mais de 677 mil. Para atender a crise humanitária, a ONU está pedindo doações no

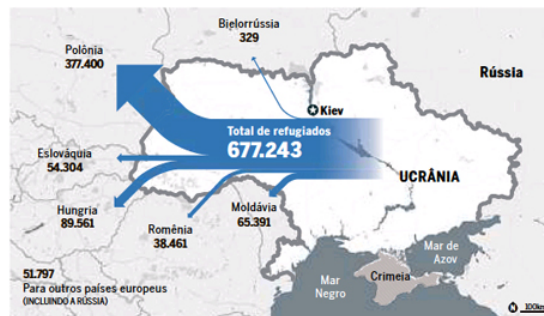
total de US\$ 1,7 bilhão para dar abrigo, assistência médica e água potável.

Muitos dos que fugiram tiveram de enfrentar longas jornadas até Polónia, Hungria, Eslováquia e Romênia, países da UE que fazem fronteira com a Ucrânia. Na chegada, precisaram esperar nos pontos de passagem. Entre eles estão muitas mulheres que deixaram para trás pais e maridos, em pedidos de sair da Ucrânia para combater a invasão russa.

Na fronteira húngara de Tiszabecs, uma mãe embalava um bebê nos braços enquanto contava ter visto foguetes cruzarem o ar antes de dirigirem por quatro dias desde a capital, Kiev. A família, cujo pai ficou para trás para lutar, viajou em dois carros levando os quatro filhos, duas tias e a avó.

A Polónia já totaliza ao menos 377.400 refugiados desde o início da invasão russa. Na travessia de Medyka, grupos se

PELO MENOS 660 MIL REFUGIADOS JÁ DEIXARAM A UCRAÍNIA



Fonte: Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

Editoria de Arte

amontoavam em torno de uma fogueira enquanto esperavam os ônibus para os centros de recepção. Na travessia estava o guineense Ibrahim

Sory Keita, que chegara a Melitopol havia três semanas para iniciar os estudos. Keita e alguns amigos correram para a fronteira quando os combates

começaram, percorrendo a pé os últimos 45 quilômetros finais do trajeto.

A Ucrânia abrigava dezenas de milhares de estudantes afri-

canos que estudam medicina, engenharia e assuntos militares. De acordo com o New York Times, africanos relatam ter ficado presos por dias antes de conseguir chegar aos países da UE. Eles contam que autoridades os empurraram para o fim de longas filas e até os espancaram, enquanto priorizavam a fuga dos ucranianos.

Chineye Mbagwu, uma médica nigeriana de 24 anos que morava na cidade ucraniana de Ivano-Frankivsk, passou mais de dois dias sem conseguir sair da cidade de Medyka, na divisa com a Polónia.

— Os guardas de fronteira ucranianos não nos deixavam passar — disse ao jornal americano. — Eles batiam e empurravam as pessoas para o final da fila. Foi terrível.

Ahmed Habboubi, estudante de medicina franco-tunísio, disse que todos os estrangeiros, incluindo africanos, israelenses e canadenses, foram instruídos a ir para um portão na travessia de Medyka, da Ucrânia para a Polónia, que liberava apenas quatro pessoas a cada duas horas, enquanto os ucranianos passavam livremente por outro portão.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Mundo **Página:** 14 e 15